

O PETISTA DA LINHA 'AXÉ' ⁹⁵

Líder na Câmara, Jacques Wagner diz que PT quer negociar reforma.

Eleito líder do PT, o deputado Jaques Wagner (BA) está surpreendendo pela capacidade de negociação e por adotar nas conversas uma linha mais moderada. Ele prefere dizer que, entre as diversas tendências que existem no PT, pertence à linha "axé", e que nasceu para apaziguar ânimos. Embora carioca, Jaques Wagner mora na Bahia, onde fez carreira como sindicalista da área petroquímica. É funcionário da Petroquímica, do pólo de Camaçari.

Em entrevista a **João Domingos**, o deputado Jaques Wagner disse que o PT vai participar de todas as mesas de negociação das emendas constitucionais enviadas ao Congresso pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e que, em casos extremos, fará obstrução. Segundo ele, o partido é contrário à quebra dos monopólios estatais do petróleo e das telecomunicações. Porém, jamais participará da defesa de privilégios e mordomias para os funcionários das estatais.

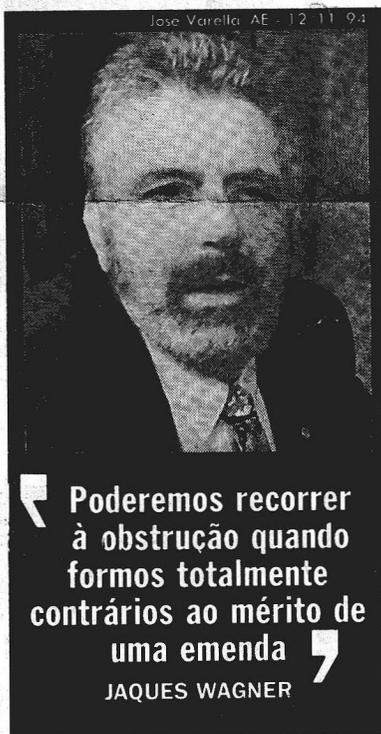
Jornal da Tarde — O PT liderou o boicote à revisão constitucional. O partido vai manter a mesma linha para as emendas do presidente da República?

Jaques Wagner — Vamos continuar brigando e poderemos recorrer à obstrução quando formos totalmente contrários ao mérito de uma emenda, como estas que acabam com os monopólios das telecomunicações e do petróleo. No caso de emendas menos polêmicas, vamos participar da votação do mérito, a favor ou contra. A situação agora é diferente daquela do Congresso Revisor. Nós éramos contra a revisão e obstruímos todos os trabalhos. Hoje, o que está havendo é o processo normal de apresentação de emenda constitucional, o que é previsto na Constituição e obedece ao processo legislativo comum.

Por que o PT sempre se mostrou contrário à quebra dos monopólios?

Não é que sejamos sempre contrários à quebra dos monopólios. No caso das telecomunicações e do petróleo achamos

que o momento é inoportuno. No México a privatização das telecomunicações elevou as tarifas em mais de 1.700%. Quanto ao petróleo, estamos quase conseguindo a autonomia e temos, talvez, a melhor tecnologia do mundo em perfuração de poços submarinos de alta profundidade. Então, estrategicamente, não compensa entregar todo este patrimônio do povo a empresas que nada contribuíram para aprimorar a exploração e o refino de petróleo e os serviços de telecomunicações.



Fala-se que o empenho do PT em defender as estatais é, na verdade, tentativa de preservar o privilégio de servidores que, em grande quantidade, são militantes do PT.

Temos forte presença no sindicalismo organizado e sabemos que os sindicatos nas estatais são dos mais organizados. Mas não aceitamos esta lógica de que o que ocorre é uma barganha. Defendemos uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre a caixa-preta das estatais, da Telebrás, da Petrobrás, da Eletrobrás. Queremos saber quem põe o dinheiro e quem o tira. Não defendemos a corrupção, as fal-

catruas que podem ocorrer nas estatais. Queremos transparência.

Quando o senhor pede uma CPI para as estatais e anuncia que participará de todas as mesas de negociação das emendas nota-se uma mudança no comportamento. Foi o partido ou o líder que mudou?

Estarei presente em todas as negociações e acho que a CPI deve ser feita porque a falta de informação é a pior coisa para a sociedade. Quanto ao PT, existe dentro do partido todo tipo de linha, das moderadas às xiitas. Diria que sou de uma linha nova, a linha axé. Cheguei à bancada para apaziguar e não para complicar. O momento é muito bom. Passamos por uma situação difícil logo depois da derrota do Lula, porque não estávamos preparados para isto. Agora é preciso saber aparar arestas, porque temos de ter o pique para brigar com os de fora. Do lado de dentro já sabemos brigar até demais.

Quando assuntos polêmicos forem discutidos, o senhor não teme que a bancada se divida? Desta vez fazem parte dela parlamentares de linha radical, como Arlindo Chinaglia (SP) e Ivan Valente (SP).

O Congresso acaba ensinando muito às pessoas. Principalmente que a negociação é absolutamente necessária. Nenhuma posição sectária sobrevive. De minha parte, vou tentar aproximar os extremos do partido, em conjunto com a bancada. O que vai valer é a democracia interna. Mas não tenho ilusões de que não teremos problemas internos e que eles não vão aflorar.

A eleição de um petista para o cargo de presidente da Comissão de Agricultura, quando foi preciso uma intensa mobilização da Câmara, ensinou algo ao PT?

Só tenho elogios aos líderes dos partidos e, principalmente, ao presidente da Câmara, Luís Eduardo (PFL-BA). Eles garantiram o acordo feito anteriormente por todos os líderes, mantiveram o cargo para o PT e nos ajudaram a derrotar os ruralistas rebeldes.